



MÁQUINAS COMPANHEIRAS:

Tecnologias para o cuidado, autonomia e interdependência

DOI: <https://doi.org/10.35699/2965-6931.2023.46904>

PAULA LEMOS VILAÇA FARIA*

resumo: Este ensaio pretende organizar e debater algumas ideias em torno do uso de tecnologias dentro do espaço doméstico como ferramentas no trabalho de cuidado. A partir da delimitação desse termo e suas latências a partir da pandemia de COVID-19, aqui se discute como essas “máquinas companheiras” têm sido assimiladas para trazer autonomia e acessibilidade para idosos e pessoas com deficiência, bem como o significado desses dois termos no contexto da sociedade capitalista em que essas tecnologias se inserem. Colocando em foco principalmente os recursos que utilizam inteligência artificial, é trazido para a discussão a forma como elas são concebidas e sua relação com o usuário/consumidor final, suspendendo a assimilação rápida desses recursos e propondo uma hesitação para se pensar a respeito de suas ambivalências.

PALAVRAS-CHAVE: domesticidade; autonomia; acessibilidade; tecnologia; economia do cuidado

Máquinas Compañeras: Tecnologías para el cuidado, la autonomía y la interdependencia

ABSTRACT: Este ensayo pretende organizar y discutir algunas ideas en torno al uso de las tecnologías dentro del espacio doméstico como herramientas en el trabajo de cuidado. A partir de la delimitación de este término y sus latencias a partir de la pandemia del COVID-19, discutimos aquí como estas “máquinas compañeras” han sido asimiladas para brindar autonomía y accesibilidad a personas mayores y personas con discapacidad, así como el significado de estos dos términos. en el contexto de la sociedad capitalista en la que se insertan estas tecnologías. Centrándonos principalmente en los recursos que utilizan inteligencia artificial, se discute la forma en que se conciben y su relación con el usuario/consumidor final, suspendiendo la rápida asimilación de estos recursos y proponiendo una vacilación para pensar en sus ambivalencias.

KEYWORDS domesticidad; autonomía; accesibilidad; tecnología; economía del cuidado.

* Universidade Federal de Minas Gerais

1 Referência ao título do texto “Máquinas companheiras” de 2023, de Giselle Beiguelman, que por sua vez referencia o livro “O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa”, de 2021, de Donna Haraway.

2 BEIGUELMAN, Giselle. Máquinas companheiras. Revista Morel #7, 2023.

3 Disponível em: <https://www.uol.com.br/noticias/especiais/assistentes-de-voz-x-feminismo.htm?utm_source=subscribe&utm_medium=email#mulheres-que-orientam> Acesso em: <06/06/2023>

4 Ibidem

5 Disponível em: <<https://outraspalavras.net/feminismos/pa->

Em obras de ficção científica, principalmente as produzidas no ocidente por autores do chamado norte global, a figura do robô costuma ser representada de forma oscilante entre a figura companheira que vive conosco em harmonia, em uma amigável posição de servidão, e entre o que se rebela, inconformado com esse papel e outras incumbências dada por seus criadores, humanos feitos de matéria orgânica. Essas “máquinas companheiras”¹ são definidas muitas vezes pela palavra robô, já centenária, que veio do checo “robota” e apareceu pela primeira vez em uma peça do escritor Karel apek em 1921, possuindo em seu contexto o significado de “trabalho compulsório”, derivando do eslávico que têm a conotação de servidão². Hoje, essa figura meio similar ao Frankenstein de Mary Shelley é feita de engrenagens mais modernas, e pode ser até mesmo descorporificada, composta de algoritmos e uma antropomorfa “inteligência artificial”. Ainda que nesses últimos exemplos os robôs não se assemelhem fisicamente a seres humanos como ocorre em várias obras de ficção que vão desde “Máquinas como eu: E gente como vocês” (2019), do escritor britânico Ian McEwan, ou em “O homem bicentenário” (1976), do escritor russo-estadunidense Isaac Asimov, essas máquinas tomam para si as características de um. Aqui será convencionado que os termos máquinas e robôs poderão designar essas duas modalidades, ainda que seja mais complexo materializar nesse ideal de robô aqueles que existem sem um corpo, apenas processados como informação em mega computadores. Para além da fantasia e imaginários de futuros dominados por homens e mulheres de lata e pele sintética, essas personagens assimiladas e construídas no chamado “mundo real” incorporam questões similares às das narrativas ficcionais, principalmente ao espelhar vestígios sociais em suas concepções, demarcando os contextos em que foram concebidas e muito do pensamento de seus criadores.

Na famosa animação de 1962 de William Hanna e Joseph Barbera, “Os Jetsons”, a família do futuro não vai muito longe do formato de família nuclear branca e heterossexual da década de 1960 dos Estados Unidos, colocada como um símbolo patriótico a partir do espaço doméstico. A personagem da mãe, Jane Jetson, apesar de todo o aparato tecnológico disponível em sua mansão futurista, segue como uma dona de casa realizando as tarefas domésticas, ainda que sob o cargo de patroa. Coabitando o mesmo espaço, há também a personagem da empregada-robô Rosie que faz a maior parte desse trabalho, nos moldes coloniais tradicionais que essa figura costuma ser

representada: Rosie, uma robô mulher que trabalha sem parar para a família Jetson, confinada em uma mansão flutuante de Orbit City.

Apesar dos mais de 60 anos que separam essa animação do presente, permanece uma demarcação do gênero feminino na maioria de robôs voltados para o espaço da casa e para atividades de cuidado, principalmente as assistentes virtuais utilizadas no cotidiano das pessoas³. A fonoaudióloga de mídia do UOL Claudia Cotes, pontua:

Pesquisas dizem que mulheres modulam a voz melhor que os homens. As empresas visam o lucro, então vão escolher as vozes que são mais aceitas por todos, para vender mais. Que isso [assistentes de voz mulheres] reforça o fato das mulheres estarem sempre a postos para ajudar, isso é verdade. Por isso a importância de deixar mais opções como a voz masculina. Vivemos ainda em uma sociedade machista, mas se dermos essas opções, esses padrões serão quebrados. (COTES, 2023)⁴

Essa aplicação enviesada de gênero em objetos produzidos sem inerentemente possuírem um em ferramentas tecnológicas se relaciona com o machismo e o racismo estrutural, envolvendo principalmente a chamada economia do cuidado. Ganhando evidência durante a pandemia de COVID-19 pelo aumento da carga de trabalho das mulheres confinadas em casa e tendo que majoritariamente realizar a manutenção da casa e cuidar de crianças, idosos e doentes, as separações entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo se dissiparam, tornando-o de mais difícil delimitação (Mezzadri, 2020). A economista Isabella Callegari define:

De forma resumida, a Economia do Cuidado pode ser dividida em (i) trabalhos diretos, que são aqueles diretamente relacionados à outra pessoa, como, por exemplo, dar comida, dar banho, ajudar no dever de casa, levar alguém ao médico; e (ii) trabalhos indiretos, aqueles necessários à manutenção de si e dos demais, mas que não constituem uma atividade direta com o outro, como cozinhar, lavar, limpar, ir ao mercado, e, no contexto rural, adicionam-se tarefas como abastecimento de água, fazer fogo, plantar e colher. É também estratificada em (i) trabalho não pago, que pode ocorrer em contexto doméstico ou no voluntariado; e (ii) trabalho pago, que pode ser formal ou informal, englobando os setores de saúde, serviço social e educação, bem como o de trabalhadoras/es domésticos e o de cuidados pessoais. Os cuidados podem ser direcionados a crianças, idosos, pessoas com deficiência, doentes, temporariamente desabilitados e ao autocuidado. (Callegari, 2021)⁵

A filósofa italiana Silvia Federici possui inúmeros estudos relacionados ao trabalho reprodutivo e de cuidado e sua relação com o capital a partir de uma leitura feminista de Marx. Em seu texto de 2015, “Reencantando o mundo: tecnologia, corpo e construção dos comuns”, ela traz o uso de tecnologia para a discussão, destacando sua ausência de neutralidade e como, mesmo com as tecnoutopias da década de 1950 e 1960, sendo “Os Jetsons” um exemplo, sua implementação não reduziu o trabalho realizado. A autora diz:

No entanto, é difícil deixar de acreditar que a introdução do computador tenha sido um benefício para a humanidade, que reduziu a quantidade de trabalho socialmente necessário e aumentou os bens sociais e a capacidade de cooperação. Entretanto, quando calculamos as consequências da informatização, fica difícil ter uma visão otimista da revolução da informação e da sociedade baseada no conhecimento. A informatização também aumentou a capacidade militar da classe capitalista e sua vigilância sobre nosso trabalho e nossa vida - consequências que fazem os benefícios do uso de computadores pessoais perderem seu brilho (Mander, 1991). É importante notar que a informatização não reduziu nem mesmo a jornada semanal de trabalho, uma promessa de todas as tecnoutopias desde a década de 1950, nem o fardo do trabalho físico. Estamos trabalhando mais do que nunca.” (Federici, 2015, p.)

Porém, abre-se espaço para uma outra discussão, que torna essa afirmação um tanto problemática, principalmente quando a tecnologia se tornou parte essencial do cotidiano de muitas pessoas, ainda que tenha outras implicações, como a não redução da jornada de trabalho mencionada acima e indagações sobre quem de fato produz e quem consome essas ferramentas. Essa afirmação parece assumir uma posição um tanto generalista ao colocar a tecnologia na dicotomia de ser boa ou ruim, principalmente ao pontuar suas consequências. Mas Federici, em outro texto, também de 2015, “Da crise aos comuns: trabalho reprodutivo, trabalho afetivo, tecnologia e a transformação da vida cotidiana”, escreve de forma bem clara a forma como há um caráter especial no trabalho de cuidado no sentido de ser extremamente complexo e árduo, e como a emulação dele em tecnologias é bastante problemática, partindo de lugares demarcados e gerando consequências bastante complicadas:

O trabalho doméstico, incluindo o trabalho de cuidado e o trabalho afetivo, é extremamente segregado, realizado de uma maneira que nos separa, individualiza nos-

sos problemas e oculta nossas necessidades e sofrimentos. Também é extremamente árduo: exige a execução de muitas atividades, em geral simultâneas, que não podem ser mecanizadas e que são realizadas principalmente por mulheres, na forma de trabalho não remunerado, muitas vezes somado a uma atividade remunerada em período integral. Sem dúvida, a tecnologia – da comunicação, em particular – desempenha um papel na organização do trabalho doméstico e agora é parte essencial de nossa vida cotidiana. Mas, como argumenta Fortunati (1998), ela serviu principalmente para substituir a comunicação interpessoal, e não para torná-la melhor, permitindo que cada membro da família escape da crise comunicativa refugiando-se na máquina. Da mesma forma, os projetos de empresas japonesas e estadunidenses de robotizar nossa reprodução – por meio de robôs-enfermeiros (*nursebots*) e de robôs-companhia (*lovebots*) personalizados para satisfazer nossas necessidades (Folbre, 2006) – são mais um sinal do crescimento da solidão, da perda de relações de apoio, e menos uma alternativa propriamente dita a esses fenômenos; além disso, é difícil que esses robôs de fato estejam presentes em muitos lares no futuro. Por isso, é de suma importância o esforço das mulheres para, acima de tudo, desprivatizar nossa vida cotidiana e criar formas cooperativas de reprodução. Isso abre caminho para um mundo em que cuidar dos outros pode se tornar uma tarefa criativa, e não um fardo, e para quebrar o isolamento característico do processo de nossa reprodução, criando laços de solidariedade sem os quais a vida é um deserto afetivo no qual não temos poder social. (Federici, 2015, p. 270-271)

Além dos lovebots e nursebots mencionados por Federici, atualmente têm sido lançados outros dispositivos similares, com funções específicas para reproduzir esse trabalho de cuidar dos outros. O jornalista James Vincent, em um texto para a The Verge, descreve os robôs de companhia distribuídos para mais de 800 idosos pelo estado de Nova Iorque como uma “nova forma de lidar com a epidemia de solidão no ocidente”⁶. ElliQ, mais uma ferramenta com gênero delicadamente demarcado, “pode projetar empatia e formar laços com os usuários. O robô deve se lembrar de detalhes importantes sobre a vida de um usuário e moldar seu personagem de acordo com o dele. Ele/a fará mais piadas se o usuário tende a rir muito, por exemplo.” Mais adiante no texto, Vincent fala que o New York State Office for the Aging (Nysofa), responsável pela iniciativa, tem a intenção de identificar os idosos que se classificam como aptos a

6 Disponível em: <https://www.theverge.com/2022/5/25/23140936/ny-state-distribute-home-robot-companions-ny-sofa-elliq> Acesso em: <31/05/2023>

7 Cotação do dólar feita no dia 01/06/2023.

8 Site de apresentação do robô Loona e seus recursos: <https://keyirobot.com/pages/loonade-tail?utm_source=substack&utm_medium=email> Acesso em: <31/05/2023>

9 DIBENEDETTO, Chase. Be My Eyes meets GPT-4: Is AI the next frontier in accessibility? Mashable. Disponível em: <<https://mashable.com/article/chatgpt-openai-be-my-eyes-accessibility>> Acesso em <17/05/2023>

10 Ibidem

11 Ibidem

12 Disponível em: <<https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activi>>

se beneficiarem do robô, sendo eles os que seguem o critério da idade de 75 anos ou mais, que tenham acesso a Wi-Fi e familiaridade com tecnologia e estejam isolados ou sozinhos. Os custos por fora da iniciativa de Nova Iorque, a partir da empresa desenvolvedora da ferramenta para se ter essa companhia e seu serviço possuem uma taxa inicial de 250 dólares (R\$1250), com uma taxa mensal de 30 dólares (R\$150)⁷.

Recentemente, uma parente não muito distante de ElliQ foi anunciada na edição de 2023 do SXSW. Loona⁸, “o robô companheiro mais inteligente” segundo seu slogan, já é destinado para toda a família. Com “corpo pequeno, personalidade grande”, “Loona pode entender milhares de instruções e fornecer vários comentários interessantes. Você pode jogar os jogos ChatGPT do Loona para várias interações, como jogos de RPG, dramatizações, aprendizado de idiomas e etc.” No vídeo de apresentação, como um cachorrinho bem treinado, “um pet incrível que por acaso é um robô”, Loona (apresentada pelo pronome “ela”) recebe seu dono ao chegar em casa, brinca com as crianças e com o cachorro de carne e osso, se alonga, late e recebe carinho na cabeça. Mas também faz o escaneamento de segurança da sua casa, que pode ser acessado remotamente “caso você esteja preocupado enquanto estiver fora”. Se observarmos atentamente, o vídeo poderia ser uma versão atualizada dos Jetsons.

Mas recentemente, o aplicativo Be My Eyes tem testado voluntários virtuais⁹, ferramentas dirigidas por inteligência artificial para auxiliar seus usuários. Inicialmente criado para pessoas se cadastrarem como “olhos” para outras pessoas com deficiência visual, é inegável a autonomia que a inteligência artificial dá a quem demanda esses mesmos olhos no dia a dia. Uma das voluntárias para os testes desse recurso no Be My Eyes, Lucy Edwards, diz que “estava pronta para a IA antes mesmo de ela existir, porque sabia o que estava perdendo. Toda a internet poderia mudar completamente para mim.”¹⁰ No geral, ela encara como bastante positiva a implementação dessa ferramenta no aplicativo, que possibilita uma maior autonomia, por ser “apenas ela e seu smartphone em harmonia e sem outra assistência”.¹¹ Em uma linha parecida de ampliar a autonomia, a estudante de Ciências da Computação na Vellore Institute of Technology Priyanjali Gupta desenvolveu um sistema de Inteligência Artificial que traduz a linguagem de sinais para o inglês. A ferramenta “aproveita uma interface aberta Tensorflow de detecção de movimentos para traduzir os gestos realizados pelas mãos e transferir a um software de IA pré-treinado intitulado *ssd_mobilenet*, que realiza uma leitura da linguagem de sinais para o inglês.”¹²

¹³ HAN, Byung-Chul, 2022, p. 47.

É inegável que esse tipo de tecnologia possui uma aplicabilidade e importância enormes, assim como outras propostas similares de uso de IA para ampliar autonomia e acessibilidade em algum nível. Mas cabe refletir que, essa captura de movimentos, frames e sensores não é exatamente o que se pode chamar de falar a língua do outro e compreendê-lo. Enquadra-se a linguagem, aqui trazendo a noção de Butler (2016), deixando a vida que vaza e excede às condições normativas do espaço da tela do lado de fora, emoldurando traduções mediadas pela inteligência artificial. Cria-se uma ferramenta para mediar a linguagem com o pressuposto da autonomia de forma que não seja necessário sair de seu lugar e sua linguagem própria para entender a do outro, porque esse outro perde de certa forma sua corporeidade ao ser transmitido por meio dos dispositivos utilizados. Esse tipo de interação a partir da tecnologia parece intencionalmente obliterar a si mesma por parecer uma mediadora descorporificada, mas é determinante de como as relações se desencadearão de acordo com as possibilidades que ela mesma oferece. Essas superfícies lisas através das quais se acessa esses recursos traz o que o filósofo coreano Byung Chul-Han em seu livro de 2022 “Não-coisas: reviravoltas do mundo e da vida” chama de ausência de negatividade ou de atrito, removendo algumas resistências da realidade material. A ausência desses obstáculos, desses atritos não-dóceis e até mesmo desagradáveis segundo Chul-Han, trazem a sensação de que “tudo está acessível e disponível”¹³. Colocar esse tipo de recurso como alternativa para a autonomia de determinados grupos, facilitando o diálogo com outros corpos considerados padrão na sociedade contemporânea, sem deficiência, parece criar uma ambivalência. O isolamento desses grupos com o recurso tecnológico parece ser superficialmente remediado, ainda que de um modo que de fato possa ser útil a eles, mas também aumentado, uma vez que essa ferramenta é uma camada de afastamento de um contato direto entre as pessoas.

Cabe o questionamento, retomando as reflexões de Silvia Federici: estamos delegando para a inteligência artificial implementada em dispositivos específicos ou em recursos já utilizados, uma tarefa coletiva de cuidar das outras pessoas? A tecnologia está realmente se propondo a de fato dar autonomia a grupos como pessoas com deficiência ou idosos, por exemplo, ou autonomia para que o trabalho de cuidado não tenha que ser realizado por outras pessoas? Ao colocar essas tecnologias nesse lugar de cuidado, ao mesmo tempo que parece uma espécie de solução para essas tarefas,

esse mesmo trabalho realizado principalmente por mulheres é obliterado como uma questão social a ser discutida em larga escala sob o viés de gênero e do capital, ainda que vestígios dessas demarcações permaneçam nessas ferramentas.

Além disso, a ideia de independência numa sociedade consumida por um mito neoliberal de realização pessoal pela autonomia é extremamente cruel quando se necessita de outras pessoas em maior ou menor grau. No texto da jornalista Vivian Whiteman, ao falar dessa valorização desse eu capaz de “se virar sozinho” pontua, de forma muito pertinente:

Se depender é tudo de ruim, então reina a tendência do “auto”. A autoestima, o autoamor ou amor-próprio, o autocuidado, uma certa ideia de unidade completa que não precisa absolutamente do outro, que chega para trocar ou para compartilhar estando, como se diz, ‘plena’. Não é esquisito isso? Não parece algo que se confunde com consumo, sabe, como se as pessoas não pudessem compartilhar indefinições e vulnerabilidades? Será que todo “auto” não passa pelo alter, pelo outro? Alguém aprende a amar sozinho? O próprio eu não é em boa parte outro? (Whiteman, 2022)

Quando a inteligência artificial é colocada nesse lugar de ser a ferramenta incumbida de dar autonomia a pessoas com deficiência e fazer companhia para idosos, é de extrema importância analisar mais a fundo para quem exatamente ela está concedendo essa suposta dádiva de não precisar dos outros. A hipótese discutida aqui é que se trata menos de um altruísmo e preocupação com o outro e cada vez mais de uma vontade de delegar o cuidado, a possibilidade de retirar da esfera social e coletiva o contato com pessoas que o demandam, dando autonomia principalmente para os criadores dessas tecnologias que no final das contas não precisarão, se já não precisam, lidar com o trabalho que é cuidar de outra pessoa. Além de partir para uma automação de um trabalho majoritariamente realizado por mulheres e invisibilizado principalmente por não ser remunerado, as discussões se atropelam na mesma medida em que se tornam um emaranhado cada vez mais denso. Parece que a criação de recursos tecnológicos para supostamente reduzir ou substituir o trabalho humano de cuidado está intencionalmente ligado à sua não discussão. Debates que poderiam estar inseridos em discussões de políticas públicas, como a solidão dos idosos em Nova York, recebem alternativas individualizadas e privadas, oferecidas principalmente a quem pode pagar por elas.

14 UNESCO. Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial. UnesDoc Digital Library, 2021. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137_por> Acesso em: <13/05/2023>

Essa suposta autonomia está cada vez mais distante do que se entende por acessibilidade e da compreensão da economia do cuidado como uma peça essencial no funcionamento do capital. Apesar de supostamente concedê-la para os usuários, essa autonomia sem a participação de outras pessoas vai contra a interdependência de se viver coletivamente. Porque a acessibilidade implica que uma espécie de “mundo lá fora” seja construído de forma que acolha a todos, ou seja, um espaço de coletividade. E quanto mais a ênfase é colocada em uma independência dentro de uma sociedade capitalista, mas soa como se fosse uma necessidade de ser legitimado dentro dela, assim como Whiteman menciona, como um consumidor.

Aprovada em novembro de 2021, a Unesco produziu uma cartilha chamada “Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial”¹⁴, que entre suas diretrizes, possui uma série de tópicos separados por áreas de ações políticas, sendo “gênero” e “saúde e bem-estar social” dois exemplos. No tópico 90, dentro da área política sobre gênero é recomendado que:

Os Estados-membros devem assegurar que os estereótipos de gênero e os vieses discriminatórios não sejam traduzidos em sistemas de IA; em vez disso, tais elementos devem ser identificados e reparados de forma proativa. São necessários esforços para evitar o efeito negativo crescente das divisões tecnológicas para alcançar a igualdade de gênero e evitar diversas formas de violência, como assédio, intimidação ou tráfico de meninas, mulheres e grupos sub-representados, inclusive no mundo online. (UNESCO, 2021, p. 33)

Posteriormente, no tópico 125 na área política de saúde e bem estar social, há a recomendação:

Os Estados-membros devem desenvolver diretrizes para as interações humanos-robôs e seu impacto sobre as relações humanos-humanos, com base em pesquisas e dirigidas ao futuro desenvolvimento de robôs, e com especial atenção à saúde mental e física dos seres humanos. Deve ser dada particular atenção ao uso de robôs na assistência médica e no cuidado de idosos e pessoas com deficiência, na educação, e robôs para uso de crianças, robôs de brinquedo, chatbots e robôs de companhia para crianças e adultos. Além disso, a assistência de tecnologias de IA deve ser aplicada para aumentar a segurança e o uso ergonômico de robôs, inclusive em um ambiente de trabalho que integre humanos e robôs. Também deve ser dada especial atenção para a possibilidade de se usar a IA para manipular e abusar de vieses cognitivos humanos. (UNESCO, 2021, p. 38)

15 Disponível em: <<https://news.artnet.com/opinion/quantitative-aesthetics-2276351>> Acesso em: <31/05/2023>

16 Disponível em: <https://www.linkedin.com/posts/think-olga_esgotadas-labthinkolga-ecnomiadocuidado-activity-

Tendo como ponto de partida quem cria esse tipo de tecnologia, seu contexto e quais seus objetivos elas se propõem, já se sabe que essas recomendações não estão sendo cumpridas. Por já nascerem tomando o partido dos vieses de seus criadores e visando o lucro, assim como Giselle Beiguelman diz que o Chat GPT “já nasce embaçado por uma série de problemas, como a pressão de mercado que forçou seu lançamento antes de estar pronto” (Beiguelman, 2023), é praticamente impossível dizer que essas ferramentas serão o futuro do cuidado e da autonomia. A chamada “falácia de McNamara” ou “falácia quantitativa”, segundo a qual o que não pode ser mensurado ou medido não é considerado importante, ocupa um papel muito relevante atualmente na logística cotidiana que lida com o digital.¹⁵ Apesar de existirem pesquisas estatísticas de horas dedicadas ao trabalho reprodutivo do cuidado ou ao trabalho doméstico que sobrecarrega e afeta quase metade das mulheres brasileiras¹⁶, por exemplo, o cuidado como trabalho em si não é algo exatamente mensurável por números e passível de ser traduzido para a linguagem atualmente utilizada pelas ferramentas guiadas por inteligência artificial. A acessibilidade também não se dá visando apenas a autonomia de PCDs como operadoras dessas tecnologias, mantidas ainda isoladas com seus dispositivos e restrita à quem pode tê-los.

A escritora de ficção científica Ursula K. Le Guin possui um ensaio chamado “A teoria da bolsa da ficção”, no qual discorre sobre como as narrativas, não só as ficcionais, mas também sociais, privilegiam imaginários que possuem uma lógica similar à de uma flecha ou de uma arma, possuindo a natureza de uma ferramenta que é objetiva e linear que tem um alvo determinado e um herói que a opera. Le Guin propõe então uma alternativa pela substituição da lógica da flecha por uma teoria determinada pela bolsa, dentro do qual “ainda há sementes para serem coletadas, e espaço na bolsa das estrelas” (LE GUIN, 2021. P. 24). Essa associação tanto à arma quanto à bolsa de Le Guin remete à atividade de caçadores e coletores na pré-história, que dividiam suas tarefas de modo que as mulheres eram responsáveis pela coleta, enquanto os homens pela caça. Ao voltar da caça com alguma criatura abatida, as histórias das desventuras para consegui-la eram de cunho heroico, na qual o caçador “vencia” ao final. Enquanto isso, as mulheres e suas bolsas carregavam mantimentos e objetos para inúmeros fins, um universo inteiro e não linear de recursos a partir de suas atividades. Essa associação da autora pode ser feita ao modo como estão sendo pensadas essas tecnologias aqui

discutidas voltadas para o trabalho do cuidado. Sendo uma atividade reprodutiva e não linear, aplicar a lógica da flecha, de ferramentas com objetivos claros, parece incoerente. O cuidado e a interdependência mais se associam a ideia de uma bolsa dentro da qual “se cabe” de outras maneiras, fugindo dessa lógica de remediar questões consideradas inconvenientes ligadas a corpos dissidentes.

Máquinas podem sim até certo ponto serem companheiras na interdependência de humanos entre si, assim como serem auxiliares em várias tarefas de cuidado, mas desde que não sejam o argumento final como uma proposta de solução de problemas que não passam pela base das relações sociais e da estrutura capitalista do mundo contemporâneo. Com bases da filósofa Donna Haraway e seu “Manifesto Ciborgue”, a reflexão da escritora Thaís Nunes em seu texto “Por que o Vale do Silício deveria reler Mary Shelley?” vai exatamente ao ponto sobre essas ferramentas: “A responsabilidade não está apenas em criar uma IA mas também em cuidar, a intensa relação com o Outro, e esse ponto é essencial para repensarmos a tecnologia não apenas como sinônimo de capitalismo e progresso.”¹⁷

Referências

BEIGUELMAN, Giselle. *Máquinas companheiras*. Revista Morel #7, 2023.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CALLEGARI, Isabela. *Para entender a urgência da Economia do Cuidado*. Outras Palavras, Disponível em: https://outraspalavras.net/feminismos/para=-entender-a-urgencia-da-economia-do-cuidado/?fbclid=IwAR2SwujYUHcGSL_9TãK5GJoetSdWgriNRqckTãX-wlhJ7nu3BUUol5sE3t8. Acesso em: 14 dez. de 2021.

CHIANG, Ted. *Will AI become the new McKinsey?* The New Yorker. Disponível em: <https://www>.

newyorker.com/science/annals-of-artificial-intelligence/will-ai-become-the-new-mckinsey?utm_source=substack&utm_medium=email. Acesso em: 18 mai. de 2023.

DI BENEDETTO, Chase. *Be My Eyes meets GPT-4: Is AI the next frontier in accessibility?* Mashable. Disponível em: <https://mashable.com/article/chatgpt-openai-be-my-eyes-accessibility>. Acesso em: 16 mai. de 2023.

FEDERICI, Silvia. *Da crise aos comuns: trabalho reprodutivo, trabalho afetivo, tecnologia e a transformação da vida cotidiana [2015]*. In: Silvia Federici. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. pp. 254-271

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: tecnologia, corpo e construção dos comuns [2015]*. In: Silvia Federici. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. Tradução: Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. pp. 272-285

HAN, Byung-Chul. *Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida / Byung Chul-Han*. Tradução: Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX / Donna Haraway*. Tradução: Tomaz Tadeu. In: Tomaz Tadeu (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 37-129

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa / Donna Haraway*. Tradução: Pê Moreira; revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LE GUIN, Ursula K. *A teoria da bolsa da ficção / Ursula K. Le Guin*. Tradução: Luciana Chieregati, Vivian Chieregati Costa; introdução de Juliana Fausto; posfácio de Luciana Chieregati. - São Paulo: n-1 edições, 2021.

LEVY, Nathália. #12/24: *Interdependência. Minha existência na internet*. Disponível em: <https://nathalialevy.substack.com/p/1224-interdependencia>. Acesso em: 16 mai. de 2023

MEZZADRI, Alessandra. *The informal labours of social reproduction*. *Global Labour Journal*, 2020, 11 (1).

NUNES, Thaís. *Por que o Vale do Silício deveria reler Mary Shelley?* *Thaís Literatura*. https://thaisnunes.substack.com/p/por-que-o-vale-do-silicio-deveria?utm_source=substack&utm_medium=email. Acesso em: 18 mai. de 2023.

TAYLOR, Sunny. *The Right Not to Work: Power and Disability*. *Monthly Review*. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2004/03/01/the-right-not-to-work-power-and-disability/>. Acesso em: 16 mai. de 2023.

The Jetsons (Os Jetsons). Criação: William Hanna e Joseph Barbera. Estados Unidos: ABC Network. Distribuição no Brasil: SBT. Série original: 1962-1963 / Nova série: 1985-1987. Nfl de temporadas: 3. Nfl de episódios: 75.

VINCENT, James. *NY State is giving out hundreds of robots as companions for the elderly*. *The Verge*. Disponível em: <https://www.theverge.com/2022/5/25/23140936/ny-state-distribute-home-robot-companions-nysofa-elliq>. Acesso em: 31 mai. de 2023.

WHITEMAN, Vivian. *Fome de outro: será que a dependência é tão ruim assim?* *Elle Brasil*. Disponível em: <https://elle.com.br/colunistas/depende-de-voce>. Acesso em: 16 mai. de 2023.



■ Giselle Beiguelman, frames do vídeo generativo da série Flora Rebellis, versão 2024.
Imagens geradas com Inteligência Artificial (Style Gans)

■ [Acesse o vídeo clicando na imagem](#)

